

# Resenha: Has China Won? The Chinese Challenge to American Primacy

Daniel de Oliveira Vasconcelos<sup>1</sup>

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2021v18n1pX

Recebido em: 21 de junho de 2020

Aceito em: 15 de agosto de 2020

O livro *Has China Won? The Chinese Challenge to American Primacy*, de Kishore Mahbubani, se insere dentro do recente debate sobre a ascensão da China e os desafios de sua acomodação no atual sistema internacional. Por isso, a obra não é bem uma tentativa de responder se a China já atingiu o apogeu do seu sucesso econômico, como sugere a primeira parte de seu título, mas sobretudo uma minuciosa análise sobre a crescente rivalidade entre China e Estados Unidos. Mahbubani, que fora embaixador de Singapura na ONU e fundador da Escola de Políticas Públicas da Universidade Nacional de Singapura, utiliza tanto de extensa bibliografia especializada, quanto da sua própria vivência e de sua rede de contatos para traçar os contornos da rivalidade China-EUA. Dedicar, também, considerável parte ao que chama de infundadas concepções sobre a China. Aliás, o desconhecimento mútuo é, segundo o autor, fator chave para o entendimento do atual acirramento entre as duas grandes potências. O livro é, dessa forma, organizado em nove capítulos que intercambiam entre análises sobre a China e sobre os EUA.

O embate geopolítico entre a China e os EUA é, portanto, inevitável. Contudo, de acordo com Mahbubani, no Capítulo 1: “Introdução”, para compreendermos esse conflito que guiará a política internacional das próximas décadas, precisamos “pensar o impensável”. Uma questão fundamental que surge é: os EUA podem perder? Já que, para a maioria dos estadunidenses, é inconcebível uma derrota da mais poderosa democracia do mundo para uma sociedade comunista supostamente fechada, essa é uma pergunta que poucos fazem. Seria aqui um dos principais erros estratégicos que sustentam a crescente incapacidade dos EUA em se adequar à ordem mundial do século XXI: a ideia de que sua sociedade inerentemente virtuosa guiará a civilização para a paz. Mas, como esclarece Mahbubani, a China – como também os países em desenvolvimento – aprendeu com o ocidente as melhores práticas na economia, ciência e tecnologia. Junto a isso, a China é uma civilização bastante resiliente, como demonstra sua própria história de mais de dois mil anos. Portanto, estaria longe da verdade uma vitória inequívoca dos EUA.

<sup>1</sup> Daniel Vasconcelos é mestre em Estudos sobre a China, com foco em Política e Relações Internacionais, pela Academia Yenching da Universidade de Pequim. Pesquisa política ambiental e energética e urbanização na China. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8675-6727>

Os primeiros dois capítulos após a introdução são dedicados à identificação dos maiores erros estratégicos cometidos pela China e pelos EUA, erros que levaram ao atual recrudescimento de uma rivalidade conflituosa. Em relação à China, no Capítulo 2, Mahbubani argumenta que seu maior erro estratégico foi o de alienar importantes grupos que compõem a sociedade estadunidense. Principalmente compostos de empresas e conglomerados econômicos, esses grupos se viram sucessivamente ignorados e seus interesses comprometidos por conta das políticas econômicas chinesas, como a transferência obrigatória de tecnologia, o roubo de propriedade intelectual e a imposição de barreiras não-tarifárias. Isso criou uma situação inédita no debate público estadunidense: um consenso e uma forte convicção sobre a ameaça chinesa, em que houve apoio às ações do governo Trump até mesmo entre as lideranças políticas de oposição e os pragmáticos empresários que há décadas lucram com a abertura chinesa. Do lado da China, seriam três os principais fatores que contribuíram para essa alienação: a relativa autonomia provincial e local, a arrogância experimentada na China após a crise global de 2008 e a fraqueza da liderança central na década de 2000.

Para os Estados Unidos, cujas análises estão sintetizadas nos Capítulos 3, 5 e 7, Mahbubani diz não haver dúvidas da falta de uma estratégia compreensiva em relação à China. Distanciando-se do pensamento pragmático que reinou na Guerra Fria, influenciado por George Kennan, os EUA fracassaram no desenvolvimento de uma estratégia de longo prazo não somente por conta das ações imprudentes do atual governo Trump, mas principalmente pela visão de mundo equivocada de todo o establishment político. Como exemplos, o autor

cita o uso do dólar como uma arma econômica e a explosão da desigualdade nos EUA como indicativos de que a auto concepção da sociedade estadunidense como adaptável, justa e democrática, que sempre ocupará a vanguarda do mundo, não condiz com a realidade das últimas décadas. A falta de uma estratégia condizente com o mundo do século XXI estaria, com isso, ligada à própria inflexibilidade do pensamento estadunidense em conceber o mundo como ele realmente é, ou seja, um mundo multipolar, em que a ação dos EUA muito se distancia da benevolência pacífica. Pelo contrário, o autor entende que certos aspectos da sociedade estadunidense sofrem com um processo de “ossificação”, de forma similar àquela percebida no ocaso da dinastia Qing, na China. O preço de se reconhecerem como inerentemente virtuosos e insubstituíveis acarretaria na impossibilidade de os Estados Unidos mudarem de rumo.

Os demais capítulos que dizem respeito à China abordam duas problemáticas centrais nos estudos ocidentais: a ideia do expansionismo chinês, explicitada no Capítulo 4, bem como a possibilidade de a China se tornar mais democrática, abordada no Capítulo 6. De acordo com Mahbubani, se é verdade que a China, ao longo de sua história, ocupou nações vizinhas, ela também soube construir a paz na sua convivência regional. Com a ascensão chinesa, há maior preocupação pela manutenção de sua soberania do que com um expansionismo desenfreado. Nesse sentido, a assertividade da política militar chinesa é muito mais defensiva do que ofensiva. Além disso, a concepção da civilização chinesa não é universalista, como assim se assume a cultura estadunidense, e, por isso, não haveria intenção, por parte da China, em promover uma “sinização” do mundo. A resolução do impasse de Taiwan e Hong Kong,

que é vista pelo ocidente como evidência do expansionismo chinês, é identificada pelo governo comunista sob a ótica de uma correção histórica de uma herança imperialista japonesa e europeia. Da mesma forma, Mahbubani vê que a ação chinesa no Mar do Sul da China é reativa, fruto de uma percepção de ameaça pela incursão da marinha estadunidense na região e da corrida por reclamação de terras iniciada por países vizinhos.

Sobre potencial transição para um sistema democrático, Mahbubani oferece, no Capítulo 6, uma visão diferente do *mainstream* ocidental. Tendo uma opinião positiva a respeito do atual líder chinês, Xi Jinping, o autor expõe que uma China estável e dinâmica economicamente contribui para o desenvolvimento socioeconômico do seu povo, como também produz bens públicos globais. Se a China se democratizasse de forma abrupta, como queriam os ocidentais ao investirem na estratégia de abertura econômica chinesa, mais provável seria a ascensão de lideranças nacionalistas raivosas, com tendências imperialistas, como o é Donald Trump nos EUA, do que líderes pragmáticos. Uma democracia chinesa, além disso, estaria pouco apta a contribuir para com desafios globais, haja vista o potencial nacionalista e introvertido de sua sociedade. Ao contrário, a governança responsável da China se reproduz na resposta a esses desafios globais, como a mudança climática, já que a China comunista de hoje emerge como uma “potência do *status quo*”, e não uma “potência revolucionária”. Para o autor, os diversos dilemas do autoritarismo chinês não impediram o crescimento econômico, a ascensão de um sistema público meritocrático e competente, e o surgimento de novas classes, que irão, cada vez mais, pressionar o governo comunista por mais voz. Uma transição a um futuro sis-

tema democrático, portanto, virá de dentro e terá características distintas de uma democracia liberal.

Kishore Mahbubani questiona: sendo o objetivo primordial dos EUA manter sua primazia no mundo e conter a China, não seria contra os interesses nacionais dos EUA promover a democracia na China, já que a democracia é, em tese, um motor do desenvolvimento? Diversos exemplos desde a Primavera Árabe mostram que uma democracia imposta de fora produz o caos. Não seria esse o real interesse dos EUA? Com isso, Mahbubani difere reais interesses nacionais com propaganda política, que é comum a ambos os lados. Fornece, assim, ideias interessantes para um debate ainda muito enviesado. Ao questionar suposições tidas como verdades pelos ocidentais, demonstra que ainda lhes falta um entendimento mais aprofundado sobre a Ásia em geral e a China em particular. *Has China Won?* Tem foco, portanto, na falta de entendimento entre China e EUA, e Mahbubani aborda apenas tangencialmente, no Capítulo 8, as relações da China com a Ásia, a Europa e a África, sequer mencionando a América Latina. Para ele, cada região abordará a ascensão chinesa de forma diferente, mas cada uma irá contrabalançar as realidades geopolíticas da ascensão chinesa, evitando tomar decisões ideológicas e alianças automáticas como acontecera na Guerra Fria. Dando menos atenção a essas regiões, o autor simplifica, assim, futuras transformações sistêmicas aos movimentos estratégicos das duas maiores potências do século, mesmo que talvez sejam estes o ponto nevrálgico para se compreender a evolução do sistema internacional no século XXI.

Sua conclusão paradoxal, contida no Capítulo 9, é a de que o conflito entre os EUA e a China é, ao mesmo tempo, inevitável e contor-

nável. Todavia, para ser contornável, dependerá da ação assertiva de ambas as nações na produção de estratégias pragmáticas. Para o autor, se a China deveria manter sua abertura econômica, os EUA devem, por sua vez, investir na reforma estrutural de sua “plutocracia”, além de compreender melhor o mundo e evitar intervir no desenvolvimento próprio de cada país, que cumpre seu próprio tempo e tem suas particularidades históricas. Mahbubani acredita que uma transição democrática chinesa, por exemplo, estaria muito mais próxima do caso japonês – onde um partido dominante governa a ilha há décadas sob forte influência de sua cultura mais conservadora – e não de uma demo-

cracia liberal ocidental. Isso, entretanto, como explicado no capítulo 6, dependerá da ascensão de forças econômicas progressistas internas, que demandarão por maior abertura política. Assim, o autor finaliza a obra esclarecendo que os EUA e a China possuem interesses comuns vitais, principalmente o progresso de seus povos em um mundo de paz e ambientalmente sustentável. Estes, sim, deveriam ser, para Mahbubani, o balizador de suas relações no futuro.

## Referências

MAHBUBANI, Kishore. *Has China Won? The Chinese Challenge to American Primacy*. Nova Iorque: Public Affairs, Hachette Book Group, 2020.